

A CENA, A CRISE, O MÉTODO!

Fabiane Fernandes Guimarães¹

Resumo: o objetivo deste artigo é apresentar um método científico que proponha uma linha de fuga para sobrevivência dos outsiders na escola, espaço cuja função atribuída, teoricamente, sempre fora a de educar cognitivamente, moral e civicamente, mas que ao longo da história tem se revelado local de reprodução, segregação e manutenção das desigualdades socioeconômicas e culturais, sob um prisma colonial e heteronormativo. Embasaram este estudo autores como Adorno e Horkheimer (2005), Agamben (2005; 2009), Nietzsche (1998; 2001; 2002), Deleuze e Guattari (1995), Guacira Lopes Louro (2003), Berenice Bento (2008), Bachelard (2005), entre outros que compõem a cena pós crítica da epistemologia da cultura. Os resultados esperados para o projeto em andamento, são os de mobilizar forças e reflexões suficientes para causar rupturas na ordem preestabelecida e trazer os sujeitos oprimidos para as cenas de debate.

Palavras-chave: Método. Outsider. Escola. Linha de fuga.

INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZANDO AS CENAS

Pensar em método em uma sociedade instável, fragmentada e célere, exige de nós um trabalho crítico acerca do que nos circunscreve culturalmente, uma autocrítica do que somos e nos tornamos a todo instante.

A sociedade hodierna, conceituada por Adorno e Horkheimer (2005, p. 114) como “falsa sociedade”, embebida por discursos progressistas e libertários deturpa, cinicamente, o sentido de tudo, forjando inclusive, os conceitos de autonomia e liberdade, que ao invés de visar emancipar os indivíduos colocam-os encurralados e enfileirados rumo ao abate.

Na contemporaneidade, a sociedade da desordem, altamente ordenada em torno do capital, explode em choques midiáticos que conquistam, alienam e iludem os indivíduos que, cegos pelo brilho espetacular das promessas, põem-se a marchar no ritmo frenético das máquinas com o objetivo de atingir o inatingível, felicidade plena, travestida de consumismo. Seduzidos por esses valores, que tipo de indivíduo podemos ser? Qual preocupação nos passa em relação aos outros? Como buscamos resolver demandas que não são somente as minhas?

Os indivíduos da contemporaneidade, em busca do ideal de progresso e sucesso, não podem responder a essas perguntas com exatidão. Somos todos seriados como mercadorias, nossos desejos devidamente unificados em prol da era da reprodutibilidade técnica, buscamos alta produção, alta

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Linha de pesquisa: Letramento, Identidades e Formação de Educadores, Endereço eletrônico: fabianeguimmaraes@gmail.com.

performance. Somos individuais apenas no que tange “olhar para nosso próprio rabo”, ou melhor, individualistas. A reificação das coisas e do humano nos cega, nos torna frios e nos empedrece.

Os indivíduos “fabricados” nesta sociedade do progresso, fragmentados e assolados pelo capitalismo, deixam, sem perceber, escoar por entre as cifras a experiência, a humanidade, a vida. Corpos são mortificados diariamente na repetição mecânica do labor diário, o sabor da experiência significativa, da memória coletiva, perde sua importância para as ocupações do mercado e a digitalização das vivências. Enquanto isso, a cultura passa a (re) produzir o que já está dado, o que já foi incutido nos sujeitos como desejável, único e absoluto. Em tempos de diversidade, a homogeneização e universalização parece ser a única opção de manutenção da ordem.

Neste engodo social as diferenças são acentuadas, a crise é instaurada fazendo surgir a necessidade de métodos e conhecimentos que tentem subverter a ordem preestabelecida, novos pensamentos, necessidade de mudança do espírito científico que rege a todos. A clemência é por um espírito emancipado e liberto das amarras impostas culturalmente (BACHELARD, 2005), que possa retirar as vendas dos sujeitos para que estes possam perceber sua potência e potenciais, tornando-se donos de si e agentes da revolução, o que para Nietzsche (2002) é uma característica imanente e pulsa nos próprios sujeitos alienados.

Para Nietzsche, na própria alienação é que as feridas supuram e empurram o sujeito para a mudança. É neste contexto, e acreditando que precisamos despertar nossa vontade de potência, definida por Nietzsche (idem., p. 36) como: “O mundo visto de dentro, o mundo determinado por seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente ‘vontade de potência’, e nada mais”, que o objetivo deste escrito é rascunhar uma possibilidade de método de pesquisa que busque ampliar e corroborar com a busca de sentido científico, perdida com a técnica mecânica do positivismo, encorajando a autonomia e liberdade dos menores, os *outsiders*², tomando como lócus de ação a escola, a qual sempre aparece como porta de salvação da humanidade, mas revela-se um verdadeiro campo de concentração.

A Escola, e todas as demais instituições que compõem o Estado, articulam-se sistematicamente como um câncer, agressivo, impiedoso, a favor do sistema, acentuando diferenças, produzindo desigualdades, oprimindo quem ou o quê, por ventura, discorde dele. O espaço escolar, cuja função atribuída, teoricamente, sempre fora a de educar cognitivamente, moral e civicamente, revela-

² Neste texto o termo é adotado com o intuito de refletir as relações de poder entre sujeitos estabelecidos e não-estabelecidos quanto a questão da sexualidade e gênero na escola tomando por base a definição deste por Norbert Elias e John L. Scotson em: ELIAS, Norbert, SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

se ao longo da história, local de reprodução e manutenção das desigualdades socioeconômicas e culturais, utilizando-se de tentativas disciplinares de contenção dos corpos, punições e segregações, cujos critérios de categorização são coloniais e heteronormativos³.

Diante dessas urgências, propor um método soa ligeiramente audacioso. Portanto, a intenção de pensar criticamente uma possibilidade de subversão a (des) ordem moderna que se manifesta preconceituosa e excludente, mais especificamente no que tange a questão da diversidade sexual nas escolas, se faz urgente e necessário. Como transformar o campo de concentração escolar em lócus de diversidade e justiça social? Essa pergunta tentará achar conforto no decorrer desta proposta ao passo que será esboçada algumas estratégias de superação da realidade que se apresenta como única e incontestável, apoiando-se nas possibilidades de entropia que um método pode oferecer, porque resistir é também uma questão de método.

O EU NA CENA CONTEMPORÂNEA: UM BREVE MEMORIAL METODOLÓGICO

Poderia em forma de prosa ou poesia
Fazer versos que rimassem com uma vida vazia
Decidi que as estrofes apenas com felicidade rimariam
Fabiane Fernandes

O Eu-autora que propõe este artigo divide em cenas sua intenção de método com o intuito de apresentar aos leitores seu percurso, sua vida e seus métodos de sobrevivência, para então apresentar a proposta que embasa seus estudos de mestrado⁴.

Em tempos de choque midiáticos e vivências efêmeras e instantâneas, rememorar o passado para influenciar no presente é tarefa urgente, mas que exige de nós, ‘pós-modernos’, esforço e concentração para não cair nas malhas da mesmice e experiência vazia, a qual se refere Benjamin:

o homem contemporâneo não contém quase nada que seja ainda traduzível em experiência [...] volta para casa a noitinha extenuado por uma mixórdia de eventos – divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atroz –, entretanto nenhum deles se tornou experiência (BENJAMIN, 1987, p. 22).

Confesso que muito me custou resgatar da memória a infância e as experiências as quais muitas negocieei, outras sublimei, poucas guardei e tantas matei, me rasgando de um lado a outro, diariamente, para sobreviver. Imersa no contemporâneo, filha da fissura, não me foi facultado o

³. Ver conceito de heteronormatividade em: FOSTER, David W. Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade en la literatura latinoamericana. *Letras: literatura e autoritarismo*, Santa Maria, n. 22, jan./jun. 2001. p. 19.

⁴ Este método será explicado no decorrer do artigo, sobretudo em sua cena final.

direito de viver a experiência de outra maneira que não fosse a atual, no seu mais pleno esvaziamento.

Em busca de superação e na luta para não atender ao que me era imposto, algo me fazia diferente de muitos que eu observava: uns muito prósperos e felizes, porem fúteis, outros, extremamente tristes, desiludidos e fracassados. Eu não me sentia nem um, nem outro, poderia dizer naquela época que estava em cima do muro, hoje, rememorando Silviano Santiago (2008), estava no *entre-lugar*, no caminho do meio, conforme defendido por Deleuze e Guattari (1995), sentia uma força, uma potência que, por estar aprisionada em um corpo oprimido, mostrava-se pelas beiradas, meio que sem saber como e para quê. Meu método: vontade de potência, ainda que inconsciente. Minha justificativa: retribuir à minha avó, fio de amor único do qual tenho lembrança, como a de uma experiência moderna, pelo apoio e incentivo.

Em um percurso de altos e baixos vi muita gente desistir. Vi pessoas sucumbirem pela impotência de atenderem aos desejos alheios, vi também pessoas que atenderam maestrosamente ao imposto e lograram um sucesso financeiro e material esplêndido. Muitas tinham algo em comum, a busca incessante pelos bens materiais. Não que eu não os queira, entretanto, meu ideal de sucesso, bem-estar e bem viver ultrapassa essa meta. Me pegava a pensar como esses desejos se constituíam, como essas pessoas quase que igualavam suas metas de vida ao mesmo objetivo: enriquecer, enriquecer, enriquecer, mesmo que isso levasse à falência do corpo e da alma.

Esses sentimentos infantis apontados acima, sem nenhum fundamento teórico na época em que foram vivenciados, foram formulados e cultivados no campo do sentir, do intuitivo, da observação humana. Conseguia identificar as mazelas que me açoitavam, conseguia olhar as mazelas alheias e as pessoas que se mantinham alheias a isso também. Em que mundo elas viviam? Conseguia também perceber que elas se mostravam mais leves do que eu, talvez ser alheio seja uma boa válvula de escape, ao menos enquanto o alheio não se tornar um menor, um *outsider*, em alguma relação de poder ou situação de catástrofe. A fuga do caos, a busca pela ordem, nos traz uma sensação de conforto, como se estivéssemos fora dele...

Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmo, ideias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 259).

Ainda que com pouca idade minha opção, embora não indolor, foi o enfrentamento e autocrítica. Estive anos em um mundo paralelo, distante da fala, da escrita, da opinião própria. Estive distante, observando, encontrando as fissuras, pensando em estratégias, em um processo de

autoanálise, solitário, mudo, mas hoje concluo que, eficaz! Então eu pergunto, quantos tem a mesma consciência? Quantos acessam sua potência, *quicá*, sabem possuí-la? Quanto sofrimento, quanta injustiça poderia ser banida se soubéssemos, todos, da nossa força, das nossas potencialidades?

Como esta é a cena escrita na qual me reservo o direito de expor, eu respondo: conheço poucos. São poucos que tomam a distância necessária para perceber-se no caos e dele sair como sugere Agamben. Este cenário contemporâneo exige novos métodos não só para fazer ciência, mas para sobreviver. Essa necessária distância, traduzida em autodesenvolvimento, autocrítica, estabelece uma relação sujeito-tempo que em si já reflete uma possível subversão ao que é imposto, de forma que ao se afastar a visualização de todo o contexto moderno possibilita ao sujeito diferenciar-se das imposições e até rejeitá-las:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p. 59).

O sujeito que fui no passado não é o mesmo que escreve este texto. Pensando com Bachelard, o deslocamento dos sujeitos e objetos pela história precisa ser condição *sine qua non* de reflexão do eu atual ou de qualquer escolha de objeto de estudo. Assim, faço aqui um resgate memorístico que, segundo Benjamin (1972, p. 5), com certa distância, propicia a criticidade necessária para proposta de um método que possa refutar o presente frio, racional e técnico. Sem saber, sempre fui uma pesquisadora!

Lembro-me que agarrei a escola como única possibilidade de não sucumbir ao sistema. Hoje, chego à conclusão que não fora a escola a salvadora da pátria, mas minha vontade de potência imanente. De qualquer sorte, a possibilidade foi agarrada como forma de empoderamento dentro do próprio sistema. Já que o que não te exclui é seguir a manada, me adaptei temporariamente a tudo que me foi imposto com o único intuito de concluir os estudos, entrar no mercado de trabalho, passar na universidade pública e então respirar, me dar o 'luxo' de pensar em quem sou, o que quero e como fazer.

Da escola à Universidade fingi ser tudo o que não aceitava. Fui oprimida, silenciada. Tudo o que hoje sei e descubro sobre conhecimento científico positivista e engessado foi o que fiz até então, somente ao chegar no mestrado⁵ hoje, me permito refletir sobre o que escuto, o que leio e então

⁵ Não me refiro a qualquer mestrado, refiro-me ao curso de Crítica Cultural/Campus II/Alagoinhas-Ba que, democraticamente, nos permite refletir, errar, propor e experienciar conhecimento, formação.

ousar fazer e propor meu próprio conhecimento. Não preciso dizer que cada texto, cada autor revelado nas leituras diárias, teorizam as angústias que guardei por toda a vida. Aprender a pensar, formular ideias, propor mudanças não é nada fácil quando se aprende que mudar não é preciso. Nesse contexto, toda diferença é sempre combatida. Com todo esse pensamento inconformado as injustiças sociais sempre me saltaram aos olhos e hoje, como educadora, não é diferente. Ao escolher o pós-crítica, vi a possibilidade de contribuir para mudança da realidade escolar.

A escolha por pensar a diversidade sexual e de gênero na escola situou-se na minha experiência enquanto coordenadora pedagógica nos anos de 2015 e 2016, a partir da qual, imersa no contexto escolar contemporâneo e rodeada de sujeitos múltiplos, as situações cotidianas que culminavam em pura difusão e reprodução dos padrões coloniais e heteronormativos fundantes de nossa sociedade, incitavam angústia, revolta, medo e indignação. Esse misto de sensações corrobora com a cena contemporânea de instabilidade, rompimentos e fluidez já supracitada e a todo instante retomada neste escrito, e exige uma reflexão urgente para mudança de paradigmas e condição humana. Foi então, que ao decidir pela seleção do mestrado no pós-crítica resolvi aprofundar-me nestas questões como uma forma de negar os absurdos que acontecem no interior das escolas.

A necessidade científica de conceituar, categorizar e minimizar a tudo e todos dentro de categorias e conceitos sólidos e determinantes, atua de forma cruel, não apenas cientificamente na linguagem, mas nos corpos, nos indivíduos. A escola como espaço de construção de conhecimento científico, permanece tanto na formação científica quanto humana, ensinando como escrever dentro das normas, como agrupar substâncias por categorias e nomeá-las, como definir cada palavra e fechar conceitos coerentes. Assim, faz também com os sujeitos que a compõe. Meninos e meninas são identificados/as pelo aparelho reprodutor genital que deixam ver no momento do nascimento, a partir de então tem sua concepção de masculinidade e feminilidade definidas e a escola não apenas reforça, como ensina como fazer e massacra os que se negam a fazê-lo.

Nesta condição, como criar novos valores nesta sociedade caótica? Nietzsche nos diz que cada sujeito tem o desejo intrínseco de dominar e subverter a ordem, fazer-se mais forte, entretanto, iludidos pelo furor das promessas modernas e acorrentados a padronização de normas e conceitos em pró de uma estabilidade, de uma ordem, os indivíduos, socialmente ordenados, adormecem seus potenciais e curvam sua potência ao célere processo de imbecilização dos sujeitos e disciplinarização dos corpos (ADORNO; HOCKHEIMER; BACHELARD).

A proposta do projeto então é buscar uma forma de, ainda que não apoiada pela instituição escolar, a temática seja refletida por entre estudantes e professores com fins de mudança na práxis e

extermínio das exclusões e rejeições às diferenças. Quem sabe assim, de pouquinho em pouquinho, vamos mudando a ordem.

O MÉTODO NA CENA

“O cisco no teu olho é a melhor lente de aumento”
Adorno.

Em tempos de instabilidade e incertezas, as árvores que prometem frutos, se os dão, são podres! A estagnação de tempos sombrios nos convoca a cortar raízes fincadas em solo infértil, nos empurra a estabelecer múltiplas conexões de cá, de lá, de todos os pontos, a todos os momentos, com o intuito de desestabilizar o efeito, também rizomático, porém negativo, da hegemonia política, epistêmica, financeira e cultural que nos governa.

Do campo científico um único método não é suficiente para resistir ao domínio linear das investigações e soluções propostas. Nesse sentido, o Rizoma, travestido de si mesmo, precisa romper consigo próprio para ramificar-se de outras formas. Como linha de fuga, escapar do que, por rizomatização do mal, difundiu-se e dominou o espírito científico é condição para uma formação mais humana e justa. Em suma,

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas. A árvore é filiação, o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36).

Diante desta atual conjuntura, as possibilidades que surgem são tentativas de rizomatizar-se de maneiras outras por entre o sistema estável a fim de desestabilizá-lo, resistindo e subvertendo-se a qualquer âncora, qualquer tipo de sistematização que proponha ordenar, classificar, conter as possibilidades e tolher as necessidades.

Sistematizar a pesquisa prescinde em sistematizar o método, o que impede a ramificação do Rizoma. Para Bachelard (2005, p. 23) o pensamento científico significativo, o método eficaz, é rizomático, um conceito liga-se a outro produzindo sentidos variados. Para ele, a crítica é constituinte do Espírito Científico (idem, p. 29). Quanto esse método é aprisionado em sistematizações irrefutáveis quem dialoga com o objeto não é o desejo de ação, é a inércia, a técnica. Por isso, “quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz” (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Em uma consonância rizomática com Deleuze e Guattari (1995), Bachelard (2005), de forma clara, ressalta que para vencer os obstáculos epistemológicos impostos à construção do conhecimento:

[...] deve começar [...] por uma catarse intelectual e afetiva. Resta, então, a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer enfim à razão razões para evoluir (BACHELARD, 2005, p. 23-24).

Condição primeira para acontecer a catarse proposta por Bachelard consiste em, parafraseando Mignolo (2008), aprender a desaprender, tarefa nada fácil se observarmos por quanto tempo fomos 'adestrados' a como falar, escrever, ser, pensar, sem se quer nos darmos conta deste processo de colonização. Por isso, propor um método torna-se tão difícil e problemático, em tempos de deslocamentos e diversidade não há método que possa dar conta, integralmente, de responder e viabilizar as questões levantadas.

Como salienta Baudrillard (2001, p. 47): “estamos hoje em um mundo aleatório, um mundo em que não há mais um sujeito e um objeto harmoniosamente separados no registro do saber”. Isso posto, podemos inferir que um método efetivo não pode requerer da pesquisa uma distância fria entre sujeito e objeto que muitas vezes é imposta pela técnica. Acreditando nesta premissa, como forma de difundir uma proposta crítica e fluida, em um espaço ideológico como a escola, a proposta de meu método de pesquisa consiste em colocar na cena os sujeitos outsiders, objetos de pesquisa e protagonistas na cena escolar.

A utilização dos sujeitos menores, *outsiders*, como narradores e proponentes de uma proposta pedagógica emancipatória, será organizada a partir do meu convívio com estes enquanto pesquisadora. A intenção é o recolhimento das narrativas destes, as quais serão organizadas em um livro que, como uma arma de guerra clandestina, poderá apresentar aos professores algumas respostas e reflexões na tentativa de diminuir suas angustias frente a diversidade que experimentam no seu labor diário e que segundo, Louro, não sabem como agir. Louro afirma que:

Nós, educadores e educadoras, geralmente nos sentimos pouco à vontade quando somos confrontados com as ideias de provisoriedade, precariedade, incerteza – tão recorrentes nos discursos contemporâneos. Preferimos contar com referências seguras, direções claras, metas sólidas e inequívocas (LOURO, 2003, p. 43-44).

A dificuldade na lida com a diversidade tem raízes – não rizoma – profundas e simétricas na colonização do ser e do saber que nos circunscreve desde sempre, a qual foi pautada em ideais brancos, heteronormativos e masculinos. Berenice Bento situa a escola nesse contexto ressaltando que:

[...] a escola, que se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade. Para os casos em que as crianças são levadas a deixar a escola por não suportarem o ambiente hostil é limitador falarmos em “evasão”. No entanto, não existem indicadores para medir a homofobia de uma sociedade e, quando se fala na escola, tudo aparece sob o manto invisibilizante da evasão. Na verdade, há um desejo em eliminar e excluir aqueles que contaminam o espaço escolar. Há um processo de expulsão e não de evasão (BENTO, 2008, p. 129).

Nessa passagem a autora reforça a urgência de métodos que deem visibilidade e espaço de fala aos excluídos que, por não corresponderem a coerência imposta pelo sistema, são brutalmente eliminados do espaço escolar, e da sociedade, por um processo de violência simbólica⁶ que atormenta os indivíduos tidos como incoerentes até que estes “batam na lona” a fim de não serem mortos e/ou esmagados, como em um ringue de boxe.

As perguntas que precedem minha proposta são: como reverter esta barbárie? Como tirar o véu que encobre a visão dos profissionais da educação, se estes estão imersos no sistema escolar o qual segue aos padrões sociais preestabelecidos ao tempo que promete a todos um pedacinho no céu, a salvação eterna? O que podem os outsiders? Como podem?

Tendo em foco a formação docente como construção social e que essa acompanha o célere devir cultural, Tardif (2002) destaca a possibilidade de atuar sobre os sujeitos formadores, a partir de um método rizomático, proporcionando-lhes uma (re)construção de saberes e colocando a subjetividade dos mesmos no centro das pesquisas sobre o ensino, situando-os como sujeitos ativos e produtores de saberes.

Para tal, a ideia é propor uma formação embasada na voz dos sujeitos excluídos. O que pensam os sujeitos desviantes? O que passam esses sujeitos? O que esperam da escola? O que vivem na escola? Bebendo na fonte de Deleuze (1987, p. 2), ter ideias é tão simples quanto importante, é através delas que se expande, em uma perspectiva rizomática, o potencial criador confrontando uma ideia a outra de outrem, transformando-a. incitar e apoiara vontade de potência desses sujeitos pode ser o ponta pé para uma formação docente significativa e transformadora a caminho de uma sociedade mais justa e igualitária, começando pela escola, cujos formadores serão os próprios “outros”, os outsiders. Esse “Eu atualizado do discurso é a forma primeira na qual se institui o sujeito: é o eu que me inscreve [...] como sujeito – ator da história que conto sobre mim mesmo. (DELORY - MOMBERGER, 2008, p. 98-99).

⁶ Conceito tomado de Bourdier, o qual se refere a uma violência não física, mas psicológica, que ocorre no interior das instituição escolar.

A escolha por este tipo de abordagem surge do interesse de, a partir das narrativas apresentada pelos participantes da pesquisa, buscar refletir sobre suas necessidades, a partir de seus próprios pontos de vista e por fim, fazer circular o produto destas reflexões, o livro-manifesto, que orientará os professores apresentando a estes os sujeitos emudecidos na diversidade negada.

Para tanto, fazer circular no interior da escola essa ideia considerada subversiva, requer estratégia, requer método. Por conseguinte, o livro organizado com as narrativas dos outsiders deverá ser publicado por uma editora séria e comprometida com conteúdo de cunho cultural e revolucionário, pois o mesmo revela-se como uma máquina de guerra no enfrentamento dos valores machistas e patriarcais imputados ao sistema pelo próprio sistema. A proposta é distribuir alguns exemplares aos professores da região de alagoinhas e adjacências fazendo-o circular como um manual docente no acolhimento à diversidade.

Revisitando Bachelard (2005, p. 309): “Na obra da ciência só se pode amar o que se destrói, pode se continuar o passado negando-o, pode-se venerar o mestre contradizendo-o”. É esse processo entrópico de destruir os padrões e ligar-se a outras perspectivas que permite que a revolução rizomatize-se e cause a fissura necessária para a aceitação das diversas possibilidades que nascem dos encontros das forças.

(IN) CONCLUINDO AS CENAS

”É sempre sobre uma linha de fuga que se cria, não é, é claro, porque se imagina ou se sonha, mas, ao contrário, porque se traça algo real, e compõe-se um plano de consistência. Fugir mas, fugindo, procurar uma arma.”
Deleuze.

Seja uma metateoria, seja um método, o que trago é a tentativa de criar uma linha de fuga, uma alternativa real que possibilite a liberdade do ser *outsider* usando a escrita como linha, e o livro como arma, com vistas a alcançar os formadores que, assim como toda uma sociedade, agem seduzidos pelo engodo de uma pseudoliberalidade, uma pseudoformação.

Trata-se de uma resistência ao que está posto, uma fuga ativa que objetiva contaminar os indivíduos e retirá-los do estado ilusório e angustiante em que se encontram. Enxergar as trevas, fixar no presente e visitar o passado constitui o devir rizomático que pode causar uma entropia na ordem preestabelecida, partindo de si para afetar o outro. *É como se o sujeito em seu tempo presente pudesse olhar para o passado, através de sua ruptura, de maneira a utilizar as sombras do passado para extrair luz para escuridão presente.* Traduzindo esse axioma em Nietzsche, é preciso o caos para gerar uma estrela!

Na luta pelo poder, vamos extrair de nós o melhor e o maior que podemos ser, aparando arestas, (re) criando conceitos e teorias, movimentando-se,

partindo do mais simples ao mais múltiplo, do quieto, mais rígido, mais frio, ao mais ardente, mais selvagem, mais contraditório consigo mesmo, e depois outra vez... esse meu mundo dionisíaco do eternamente-criar-a-si-próprio, do eternamente-destruir-a-si-próprio, sem alvo, sem vontade... Esse mundo é a vontade de potência — e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de potência — e nada além disso!”. (Nietzsche, Fragmento Póstumo, 1881).

Para homem moderno, vontade de potência, para o método, o caos!

REFERENCIAS

- ADORNO, Theodor. *Minima moralia: reflexões a partir da vida lesada*. Rio de Janeiro, Azougue, 2008.
- ADORNO, Theodor. Teoria da Semicultura. In: *Primeira versão*. Porto velho, 2005. ano IV, n.191., p.2-20, agosto.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. Indústria Cultural. In: *Dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.
- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BACHELARD, GASTON. *A Formação do Espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- BAUDRILLARD, Jean. *Senhas*. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. In: *Obras escolhidas*, v. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.
- BENTO, Berenice Alves de Melo. *O que é transexualidade*. São Paulo; Brasiliense, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. (Org.). Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34 Letras, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa, 1995.
- DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Trad. José Marcos Macedo. In: *Folha de São Paulo*, 27/06/1999. Transcrição de conferência realizada em 1987.
- DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFERN, São Paulo: Paulus, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. *Currículo, gênero e sexualidade: o “normal” o “diferente” e o “excêntrico”*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf Acesso em: mar. 2017.

NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Trad. Paulo César de Souza. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

NIETZSCHE, F. [1886]. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, F. [1882]. *A Gaia Ciência. Tradução e notas de Paulo César de Souza*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

SANTIAGO, Silvano. *Uma Literatura nos Trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação profissional*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.